



I Congresso do Centro de Estudos em Política, Relações Internacionais e Religião

“Religião, Sociedade e Política: o lugar do fenômeno religioso nas Relações Internacionais”

João Pessoa, 08 e 09 de novembro de 2021

Universidade Estadual da Paraíba

NEOPENTECOSTALISMO E TEOLOGIA DA PROSPERIDADE NA CONSERVAÇÃO DO ESPÍRITO DO CAPITALISMO NA AMÉRICA LATINA

Maria Eduarda Angeiras de Menezes¹

Resumo: Através da análise do conceito de espírito do capitalismo, estabelecido por Marx Weber, este trabalho busca investigar, de maneira crítica, os efeitos que a expansão das Igrejas de denominação neopentecostal e sua reprodução da teologia da prosperidade provocam na visão de mundo e perspectiva de vida de seus fiéis, difundindo princípios e hábitos que sustentam a ideologia neoliberal. Com enfoque na região da América Latina nos últimos 40 anos, essa pesquisa examina o advento do neoliberalismo como doutrina econômica dominante e discorre sobre como a Igreja neopentecostal mostrou-se uma ferramenta exitosa de disseminação de seus ideais, principalmente nas regiões periféricas do globo, fazendo um paralelo com a tese de Weber de que o protestantismo ascético esteve intimamente vinculado com a gênese do atual sistema econômico capitalista. Por fim, este trabalho conclui que, o avanço do neoliberalismo combinado com a perpetuação de seus dogmas, através da religião, representa um obstáculo para que os fiéis enxerguem a origem estrutural de sua opressão.

Palavras-chave: Neopentecostalismo; América Latina; Neoliberalismo

Área Temática: Religião, Sociedade Civil e RI

1. INTRODUÇÃO

Nos anos finais do século XX, o mundo assistiu ao declínio do keynesianismo e ao advento de uma nova doutrina econômica e política hegemônica, que se opunha aos ideais de

¹ Graduanda na Universidade Estadual da Paraíba (UEPB). E-mail: meduda1001@gmail.com.

Estado intervencionista, o neoliberalismo, que tem como premissas fundamentais a defesa da mínima interferência estatal na economia, o livre comércio, a privatização de empresas estatais e a abertura econômica para capitais internacionais. Nos anos 1990, essa doutrina já tinha ganhado força no cenário internacional como projeto do capitalismo financeiro. Em anos anteriores, especificamente na década de 1970, surgiu no continente americano, uma nova designação protestante que se afirmava como uma renovação das Igrejas pentecostais, pois rompia com noções importantes do pentecostalismo clássico. Essa denominação ficou conhecida como neopentecostalismo, e rapidamente se expandiu pelo mundo, principalmente pela América Latina e demais países periféricos. O acelerado crescimento dessa nova designação por si só já é um fenômeno bastante estudado. Mas além disso, o neopentecostalismo também chama a atenção por seus fundamentos e métodos de pregação, que se mostraram singularmente exitosos em incutir em seus seguidores, determinadas condutas relacionadas a certos ideais e perspectivas de vida, condutas estas que estão estreitamente ligadas a doutrina econômica e política neoliberal, como a valorização do individual sobre o coletivo e o destaque para o discurso do mérito. Esse fenômeno de forte interligação entre a religião protestante e o sistema capitalista rememora a analogia feita por Marx Weber em sua obra de maior destaque, *A ética protestante e o espírito do capitalismo*, publicada no início da década de XX. Portanto, partindo do pressuposto da teologia da prosperidade como fundamento basilar das Igrejas neopentecostais e como principal, mas não único, sustentáculo da doutrina neoliberal dentro dessas Igrejas, este trabalho busca esclarecer como o neopentecostalismo e seu evangelho da prosperidade atuam na conservação do espírito do capitalismo, conceito elaborado por Weber, na América Latina.

De maneira breve, essa pesquisa trará um resumo das principais ideias de Weber em sua obra “*A ética protestante e o espírito do capitalismo*”, destacando o protestantismo ascético e o conceito de vocação desenvolvido por Lutero como premissas para o desenvolvimento de um *ethos* que contagiou as sociedades europeias e norte-americana no período da gênese do capitalismo moderno. Esse *ethos* mostrou-se propício para a eclosão do modelo de acumulação de capital, um dos pilares do capitalismo moderno, além de ser útil também na formação de trabalhadores genuinamente devotados as suas funções. Ao fim da análise da obra de Weber foi realizado um paralelo entre a relevância da reforma protestante para a expansão do capitalismo durante sua fase inicial, com o papel das Igrejas da denominação neopentecostal na disseminação de ideais e princípios que fortalecem o neoliberalismo na região da América Latina. Tornando possível concluir ainda, com a utilização de conceitos elaborados pelo sociólogo Jessé Souza, e através da ótica da teoria do Sistema mundo, desenvolvida por

Immanuel Walerstein, que a perpetuação dos dogmas religiosos interligados com fundamentos que favorecem o contínuo progresso do capitalismo, tornam-se barreiras para que os fiéis enxerguem a origem dos males que lhe acometem. Esse trabalho foi organizado em 6 subseções, no esforço de facilitar a leitura e a compreensão do texto, sendo: 1) A ética protestante e o espírito do capitalismo, onde um curto apanhado das principais questões da obra foi realizado, 2) foco na compreensão da ideia de espírito do capitalismo, 3) origem do neopentecostalismo e seus mecanismos de atração de devotos, como a teoria da prosperidade e o uso de meios de comunicação populares, como rádio e TV, 4) esclarecimentos sobre a teoria da prosperidade ou evangelho da prosperidade, e seus princípios ligados a doutrina político-econômica neoliberal, 5) breve resumo do advento do neoliberalismo na região da América latina, nos anos finais do século XX, 6) como a combinação neopentecostalismo + neoliberalismo afeta a perspectiva dos fiéis acerca de sua opressão sistêmica.

2. A ÉTICA PROTESTANTE E O ESPÍRITO DO CAPITALISMO

A ética protestante e o espírito do capitalismo é uma das obras mais conhecidas de Marx Weber, inicialmente escrita no formato de 2 artigos, entre os anos 1904 e 1905, apenas mais tarde tornou-se um livro de duas partes; O problema e A ética das correntes ascéticas do protestantismo. Nesse livro, Weber discorre sobre a relevância da reforma protestante na solidificação do capitalismo moderno e defende a tese de que os fundamentos religiosos do protestantismo ascético, concepção de comportamento social em que os seguidores das doutrinas protestantes rejeitavam os prazeres considerados “mundanos”, serviram de alicerce para a firmação de condutas favoráveis ao fortalecimento do capitalismo no *ethos* das sociedades europeia e norte-americana. Na referida publicação, Weber estabeleceu ainda, protestantismo ascético como fruto da combinação de condutas morais de 4 denominações protestantes: o calvinismo, o pietismo, o metodismo e as seitas provenientes do movimento anabatista. Durante a obra, o sociólogo comenta com mais detalhes sobre cada uma destas denominações, no entanto esse trabalho não se debruçará sobre essas especificidades, restringindo-se apenas, nesse âmbito a uma análise acerca da concepção do protestantismo ascético. Com base no conceito weberiano de protestantismo ascético e na concepção de vocação estabelecida por Lutero, A ética protestante e o espírito do capitalismo aponta que, a partir do século XVI com a reforma protestante, a visão da Igreja católica acerca da relação entre homem, trabalho e acúmulo de riquezas, passou a ser questionada pelas diversas vertentes do protestantismo que vinham ganhando força no cenário europeu. As ideias de Lutero sobre

valorização do cumprimento de deveres mundanos como condição para uma vida de fé, concederam um significado religioso as atividades do dia a dia, ao trabalho, e mais especificamente as profissões, que passaram a ser vistas pelos protestantes como uma dádiva oferecida por Deus. Essa valorização religiosa do trabalho sistemático e incansável através uma profissão mundana, passou a moldar a vida dos fiéis, introduzindo neles uma conduta moral favorável ao que Weber chamou de espírito do capitalismo, conceito que será explorado no decorrer deste trabalho. Sobre a vocação postulada por Lutero, Weber discorreu: “O único modo de vida aceitável para Deus não era superar a moralidade mundana em um ascetismo monástico, mas somente pelo cumprimento das obrigações impostas ao indivíduo por sua posição no mundo. Essa era sua vocação” Weber (2004).

Além da vocação de Lutero, o protestantismo ascético também tinha como convenção a rejeição da luxúria. Ao contrário dos tradicionais dogmas da Igreja católica, que condenavam a perseguição por fortunas, as denominações protestantes incentivavam a busca por acumulação de riquezas, contudo reprovavam moralmente o relaxamento proveniente da segurança da posse desses bens, pois acreditavam que isso poderia levar ao ócio, comportamento que só seria desejável no descanso eterno, visto que durante a vida terrena o homem deveria dedicar-se as atividades de seu ofício e buscar lucrar ao máximo as exercendo, caso contrário eram vistos como pecadores e seriam censurados. Dessa forma a importância do trabalho incansável passou a ser parte principal do discurso protestante, tornando a retenção de riquezas algo desejável, mas o usufruto de suas posses condenável, essas ideias combinadas produziram um terreno fértil para o modelo de acumulação de capital, um dos pilares do capitalismo moderno. A respeito disso, Weber destaca:

“[...] A ideia do dever de um homem quanto às suas posses, ao qual ele subordina a si próprio como um servo obediente, ou mesmo como uma máquina aquisitiva, é carregada como um peso sobre sua vida. Quanto maiores as posses, caso a atitude ascética perante a vida se mantenha, maior a perspectiva de responsabilidade em relação a elas, para mantê-las intactas para a glória de Deus, e aumentando-as por meio de um esforço incansável. A origem desse tipo de vida também remete a certas raízes, como muitos aspectos do espírito do capitalismo, na Idade Média. Entretanto foi na ética do protestantismo que ela primeiro encontrou um fundamento ético consistente. A sua significação para o desenvolvimento do capitalismo é óbvia.” Weber (2004).

Desta maneira, a perspectiva do protestantismo ascético favoreceu o desenvolvimento de uma vida racional econômica típica da burguesia. O homem trabalhava incessantemente, acreditando estar seguindo o desejo de Deus, guiava-se pelos interesses do lucro e assim acumulava e protegia seu capital, tornando-se então um homem de negócios. Ao mesmo tempo em que se formavam esses homens empreendedores, o poder do ascetismo religioso também produzia trabalhadores exemplares, dedicados ao trabalho como propósito de vida e

conformados com a ideia de que “[...] a distribuição desigual dos bens deste mundo era uma especial distribuição da Divina Providência, que nessas diferenças, assim como na graça particular, perseguia fins secretos, não conhecidos pelos homens.” Weber (2004).

3. O ESPÍRITO DO CAPITALISMO

Assim se desenvolveu o “espírito do capitalismo”, conceito criado por Marx Weber, e que ele mesmo descreveu como de difícil conceituação, portanto este trabalho não objetivou apresentar uma definição concreta desse fenômeno, mas sim procurar oferecer um entendimento fora do campo abstrato sobre o que representaria este “espírito”. O segundo capítulo da ética protestante é especialmente dedicado a essa concepção. O autor inicia apresentando um discurso de Benjamin Franklin que ele considera como uma amostra adequada do que representaria o espírito do capitalismo. Em sua fala, Franklin, com evidente influência utilitarista, discorre sobre a relevância da contenção de gastos e perseguição do lucro enquanto desaprova o ócio, destacando que o homem que segue esses princípios é dotado de honradez. Sendo assim, em seu discurso, um dos mais conhecidos pais fundadores dos E.U.A, reproduz o pensamento de que o indivíduo tem como dever se dedicar a aumentar seu capital e apresentar sempre um comportamento seminal, ideais que refletem a doutrina propagada pelo protestantismo ascético, já expostas anteriormente. Essas crenças combinadas com a influência que as religiões exerciam na sociedade no período nascente do capitalismo moderno, converteram a doutrina religiosa protestante numa ética capaz de orientar a conduta dos homens, não só no âmbito religioso, como também nas outras esferas da vida, criando assim um comportamento inconsciente, que introduzido na sociedade, originou o espírito do capitalismo, um aparato capaz de sustentar os princípios do regime capitalista através da influência nas atitudes e pensamentos do corpo social. Para apresentar um exemplo concreto de uma das formas de manifestação desse espectro no cotidiano da sociedade, Weber utilizou uma situação trivial de relacionamento entre comerciantes, o sociólogo argumentou que, bastava que um comerciante fosse tomado pelo espírito capitalista e alterasse seu modelo de negócio, para que todos os outros se vissem coagidos a também mudar, pois caso não o fizessem, perderiam seus clientes para o mais novo “concorrente”. Dessa forma, segundo este autor “A antiga atitude pacata e confortável em relação a vida teve de ceder a dura frugalidade na qual alguns tomavam parte [...]”

4. ADVENTO DO NEOPENTECOSTALISMO

O protestantismo Neopentecostal é resultado do que Paul Freston chamou de terceira onda do pentecostalismo, fenômeno estudado mundialmente, que divide o pentecostalismo em três períodos, chamados de “ondas”, a primeira onda teria surgido por volta de 1901 e é chamada de “pentecostalismo clássico”, tendo como práticas mais comuns a o batismo no Espírito Santo, a glossolalia, que seria o dom de falar em línguas e a crença na volta iminente de Cristo, a segunda onda é conhecida como “renovação carismática” e traz para o pentecostalismo o preceito da Cura Divina, e as experiências de expulsão de demônios, por fim, nas décadas finais do século XX surge a terceira onda e os neopentecostais, com uma mensagem de exaltação a prosperidade financeira, e bem estar social. As décadas de 1970 e 1980 foram o marco inicial para a popularização dessa denominação, que surgiu afirmando-se como uma renovação das Igrejas pentecostais, pois rompia com importantes fundamentos do pentecostalismo clássico, como o ascetismo religioso e a crença numa salvação pós vida. Nessa nova designação se sobressai o credo numa graça alcançada ainda durante a vida mundana. Além disso, o neopentecostalismo estabeleceu a teologia da prosperidade como seu fundamento principal e passou a utilizar meios de comunicação populares como forma de alcançar o público, ferramentas que se tornaram as forças motrizes desse movimento, e que são essenciais para a inserção de princípios neoliberais na vida dos fiéis.

Apesar de as Igrejas neopentecostais terem obtido maior sucesso com o uso de mídias como rádio e TV, elas não foram as pioneiras nesse segmento. A estadunidense *Calvary Episcopal Church* foi uma das primeiras Igrejas a transmitir programações religiosas pelo rádio, logo no início das atividades de rádio comercial nos Estados Unidos no começo do século XX. Desde então a expansão religiosa radiofônica se acelerou nos EUA e se expandiu para a América Latina. Portanto, tendo seu surgimento na década de 1970, o neopentecostalismo se desenvolveu já inserido nessa prática de utilização de meios de comunicação populares para atração de novos membros. Nesse cenário, as primeiras Igrejas neopentecostais, como a Igreja Universal do Reino de Deus, contaram com essas ferramentas desde sua gênese, o que mostrou-se propício para atração de camadas mais populares da sociedade, já que assim essas Igrejas conseguiam que sua pregação alcançasse uma parcela da população que, por diversos fatores, não tinha acesso as Igrejas tradicionais.

5. A TEOLOGIA DA PROSPERIDADE

Já a teologia da prosperidade ou Evangelho da prosperidade, é uma doutrina surgida em meados do século XX nos Estados Unidos, que se expandiu juntamente com o movimento neopentecostal. Fundamentada na interpretação de certos textos bíblicos, como Gênesis 17.7, Marcos 11.23-24 e Lucas 11.9-10, tem como premissa a valorização do “sucesso material e o dinheiro, como reflexo da ação de Deus na vida do ser humano” (MENDES, 2018). Ainda de acordo com essa doutrina, o fiel alcançará a benção desejada através da expressão de “palavras de fé” e de uma confiança plena na promessa de que por serem filhos de Deus, ele os proverá com dádivas em forma de dinheiro, destaque social e ausência de doenças, ao mesmo tempo em que males como problemas financeiros ou de saúde, são atribuídos a falta de fé e fruto do pecado, e em ambos os cenários a demonstração de fé está atrelada a doações financeiras para a Igreja. Dessa maneira, o evangelho da prosperidade rompe com os ideais ascéticos da tradição protestante ao incutir nos seus seguidores o pensamento de valorização da riqueza e do bem estar material, e incentivar o desejo pela conquista e fruição destes. Romildo Ribeiro Soares, mais conhecido como Missionário R. R. Soares, fundador de uma das maiores Igrejas neopentecostais do mundo, a Igreja Internacional da Graça de Deus, discorreu, em seu livro “As bênçãos que enriquecem”, acerca de seu pensamento sobre a relação das dádivas materiais que Deus ofertaria. A citação desse importante líder religioso contribui para um melhor esclarecimento no que se refere a doutrina da prosperidade.

“O negócio que Deus nos propõe é simples e muito fácil: damos a Ele, por intermédio da sua Igreja, dez por cento do que ganhamos e, em troca, recebemos d’Ele bênçãos sem medida. [...] Quando damos as nossas ofertas para a obra de Deus, estamos nos associando a Ele em seus propósitos. É maravilhoso saber que Deus deseja ser nosso sócio e que podemos ser sócios de Deus em sua missão de salvar o mundo. Ser sócios de Deus, significa que nossas vidas, nossas forças, nossos dons e nosso dinheiro, passam a pertencer a Deus, enquanto que, suas dádivas, como a paz, alegria, felicidade e prosperidade passam a nos pertencer”. Soares (1985)

Essas práxis, da prática da teologia da prosperidade e do uso massivo de meios de comunicação populares advinda do pentecostalismo clássico, combinadas com um discurso devotado as demandas sociais não atendidas pelo governo, impulsionaram a crença neopentecostal entre os grupos mais vulneráveis da sociedade. Portanto esses elementos foram fundamentais para que, as Igrejas da denominação neopentecostal, que surgiu a menos de meio século, conquistassem um lugar significativo na América Latina, região com maior porcentagem de católicos no mundo. Entretanto esse rápido avanço não se atribui apenas as práticas religiosas, a eclosão do neoliberalismo político-econômico na América Latina no final do século XX colaborou para a difusão dos ideais que sustentam o evangelho da prosperidade. Ideais estes que são mantidos até hoje de forma simbiótica, onde o neoliberalismo alimenta a

evolução dessas práticas religiosas e vice-versa. “Nesses países periféricos, as Igrejas pentecostais recrutam a maior parte de seus fiéis entre os setores rurais mais pobres e especialmente entre as camadas urbanas de baixa renda e pouca escolaridade.” (TORRES,2007).

6. NEOLIBERALISMO NA AMÉRICA LATINA

Durante a década de 1980 o mundo assistiu a deflagração da crise do petróleo, responsável por gerar uma onda inflacionária que afetou principalmente os países latino americanos. O colapso dessas economias suscitou numa significativa desconfiança na eficiência do Estado, o que abriu caminho para o alastramento do pensamento liberal, que se refletiu com o projeto neoliberal promovido pelo Consenso de Washington. Assim, a partir de 1990 a América Latina testemunhou a rápida expansão dos princípios do neoliberalismo, como a diminuição dos poderes do Estado, a privatização de empresas estatais, uma abertura maior para o comércio internacional, além do ideal da meritocracia e outros preceitos que corroboram o modo de produção e estilo de vida capitalistas. Esses princípios neoliberais rapidamente se interligaram com o crescimento do neopentecostalismo na região. O missionário R.R. Soares volta a servir de exemplo com sua “Igreja Internacional da Graça de Deus” que serve de amostra da ligeira multiplicação dessas Igrejas a partir da década de 1990. No ano de 2003 esta instituição iniciou suas atividades fora do Brasil com apenas 1 templo nos Estados Unidos, e atualmente já possui cerca de 1.500 locais de comunhão espalhados pelo mundo, inclusive em diversos países latino americanos, como Argentina, Peru, Paraguai, Uruguai, Chile e México.

A utilização de rádios, televisão e mais recentemente internet, associadas a teologia da prosperidade e a um discurso que apela para as demandas populares, compõem o método de aliciação das diversas designações neopentecostais, técnica que se mostra eficiente para a conquista da grande parcela da população que se vê desamparada pelo Estado e busca acolhimento no sobrenatural, que no caso neopentecostal, oferece a ilusão da superação do fracasso, atribuindo os insucessos cotidianos a bodes expiatórios como “encostos” ou “mal olhado”. Adicionalmente essa doutrina religiosa oferece a esperança de um divino que propõe, não mais uma promessa pós morte, mas recompensas materiais ainda em vida. Para alcançar este feito, bastaria ao indivíduo perseverar em sua luta pelo sucesso para alcançar às bênçãos prometidas, como se não existissem causas estruturais exteriores ao sujeito, que produzissem obstáculos incapacitantes, dessa forma o neopentecostalismo desenvolve uma forma de legitimar as mazelas sociais, atribuindo-as ao sobrenatural e escondendo suas origens estruturais. Jessé

Souza, sociólogo brasileiro que estuda a desigualdade e as classes sociais no Brasil contemporâneo, com seu conceito de “ralé” explica algumas das causas estruturais que sustentam a desigualdade no Brasil, e afirma ainda que negar essas causas gera compreensões superficiais acerca da origem dos problemas sociais brasileiros. E ainda destaca:

“Esse padrão de legitimação da dominação social e política modernas não afeta apenas a “ralé” brasileira ou as classes inferiores em todas as sociedades humanamente imperfeitas do planeta. Ela abrange todas as classes sociais, inclusive as privilegiadas em alguma medida.” Souza (2009)

Ainda utilizando o conceito de Souza, levando-o para a perspectiva de Sistema Mundo, do sociólogo estadunidense Immanuel Wallerstein que, com base na divisão internacional do trabalho divide o mundo em países centrais, que são os mais desenvolvidos e influentes, países periféricos que são os de economia baseada na produção primária e indicadores socioeconômicos baixos (em grande parte os países que sofreram colonização europeia) e países semiperiféricos, que estariam num nível intermediário entre os centrais e periféricos, torna-se possível explicar o sucesso da expansão neopentecostal nos países da América Latina. Que fazem parte da periferia global, e portanto tiveram o modelo capitalista inserido em sua região, de forma exógena, pelo centro. Para que esse capitalismo se sustente nessas nações, é necessário um aparato interno que encubra a dominação de classe ao ponto de legitimar a desigualdade social, assim como acontece na “ralé” brasileira, e que faça com que a crença num sucesso, que está fadado a não ser alcançado por conta das condições estruturais, seja vista como possível. Apenas dessa forma a continuidade do capitalismo é viável nessas regiões. Esses pensamentos externados pelos escritores reafirmam a tese de Weber, podendo se afirmar que no caso da América Latina, a região “careceria” do espírito do capitalismo para sustentar os princípios desse regime nas atitudes do corpo social. Por oferecer a possibilidade de manutenção deste espírito, o neopentecostalismo encontrou terreno fértil para difundir seus fundamentos e criar uma base sólida de sustentação nessa região.

7. CONCLUSÃO

No livro *A ética protestante e o espírito do capitalismo*, Weber retrata detalhadamente a conversão da doutrina protestante numa ética capaz de orientar a conduta de seus fiéis, não só no campo religioso como também nas mais diversas áreas da vida cotidiana. Este fato deu origem a um comportamento inconsciente, que introduzido na sociedade desenvolveu um aparato capaz de sustentar (e que é sustentado por) os princípios convenientes ao regime capitalista através da influência nas atitudes do indivíduo social, que ele denominou de espírito

do capitalismo. No final do último século, tornou-se possível a observância da continuidade da ação desse espectro, embora de maneira reformulada. Com o advento do neoliberalismo como fase mais recente do capitalismo, emergiu também uma nova vertente do protestantismo, o neopentecostalismo, que despontou rompendo com o tradicional protestantismo ascético, que mantinha seus seguidores aversos a condutas consideradas “do mundo”, como por exemplo o excessivo desfrute de bens materiais. A disciplina neopentecostal proporciona a seus fiéis uma abertura maior em relação a determinados comportamentos considerados “mundanos” por outras vertentes, além de ser fundamentada na teologia da prosperidade, que defende que as bênçãos divinas se dão por meio de riquezas materiais e o usufruto delas é visto como sinal de fé. Essa denominação também propaga a ideologia do mérito pessoal e a valorização do esforço profissional. Esse discurso atrelado a expansiva exibição nas mídias populares dos cultos e pregações, tornam as inúmeras Igrejas neopentecostais mais atrativas para as camadas marginalizadas da sociedade, que enxergam na religiosidade o amparo que não lhes é oferecido pelo Sistema. Dessa forma, essa crença encontrou na periferia global um terreno propício para sua expansão, que ocorreu rapidamente nas últimas décadas, carregando consigo o dogma das virtudes neoliberais, incutindo em seus fiéis ideais e hábitos convenientes a perpetuação do sistema econômico-político que oprime principalmente grande parte de parcelas vulneráveis da sociedade. Ademais por conta da influência que essa religião exerce em toda experiência de vida de seus seguidores, uma tomada de consciência acerca da origem de sua opressão e, portanto, a busca pela emancipação, tornam-se praticamente improváveis. Logo, é possível inferir que, as Igrejas denominadas neopentecostais vêm, desde seu advento, realizando a conservação do espírito do capitalismo contemporâneo, de forma semelhante a que Weber descreveu acerca do papel do protestantismo na concepção desse espectro na época da gênese do capitalismo.

8. REFERÊNCIAS

AUGUSTI, W. A. Teologia da prosperidade: o mercado da fé e a fé mercadológica. **Carta Capital**. 2020. Disponível em: < <https://www.cartacapital.com.br/blogs/dialogos-da-fe/teologia-da-prosperidade-o-mercado-da-fe-e-a-fe-mercadologica> > /. Acesso em: 15 set. 2021.

AZEVEDO, W. F. De onde vêm os demônios? A força evangélica neopentecostal na América Latina. 2018. **IHU**. Disponível em: <<http://www.ihu.unisinos.br/sobre-o-ihu/78-noticias/584072-em-edicao-de-onde-vem-os-demonios-a-forca-evangelica-na-america-latina>> Acesso em: 28 set. 2021.

Igreja Internacional da Graça de Deus. Ongrace, 2021. O site do povo de Deus. Disponível em: < <https://ongrace.com/portal/>>. Acesso em: 01 out. 2021.

MARIANO, R. Crescimento Pentecostal no Brasil: fatores internos. **Revista de Estudos da Religião**, [S.I], n. 1677-1222, p. 68-95, dez. 2008. Disponível em:< https://www.pucsp.br/rever/rv4_2008/t_mariano.pdf.> Acesso em: 01 out. 2021.

MENDES, E. O. **Um estudo da terceira onda do pentecostalismo, à luz da sociologia da religião de Marx Weber**. 2018. 81 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Ciência das Religiões, Faculdade Unida de Vitória, Vitória, 2018. Disponível em: <http://bdtd.faculdadeunida.com.br:8080/jspui/bitstream/prefix/183/1/Disserta%c3%a7%c3%a3o%20-%20Elenilton%20Oliveira%20Mendes.pdf> . Acesso em: 02 out. 2021.

PICOLOTTO, M. R. **O pentecostalismo no Brasil: uma reflexão sobre novas classificações**. 2015. 22 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Antropologia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Rio Grande do Sul, 2015. Disponível em:< <file:///C:/Users/MARIA/Downloads/65741-270718-1-PB.pdf>.> Acesso em: 02 out. 2021.

SOARES, R. R. **As benções que enriquecem**. [S.I]: Graça Editorial, 1985

SOUZA, J. **RALÉ BRASILEIRA QUEM É E COMO VIVE**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009. Disponível em:< <http://flacso.redelivre.org.br/files/2014/10/1143.pdf>> . Acesso em: 02 out. 2021.

TORRES, R. O NEOPENTECOSTALISMO E O NOVO ESPÍRITO DO CAPITALISMO NA MODERNIDADE PERIFÉRICA. **Perspectivas**, São Paulo, v. 32, p. 85-125, jun. 2007. Disponível em:< [file:///C:/Users/MARIA/Downloads/4-artigo-3%20\(2\).pdf](file:///C:/Users/MARIA/Downloads/4-artigo-3%20(2).pdf).> Acesso em: 01 out. 2021.

WEBER, M. **A ética protestante e o espírito do capitalismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.